

AJUDA VEIO DO CONGRESSO

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

Em meio à turbulência financeira que culminou com a saída do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, foi no Legislativo que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, buscou apoio. Na noite de terça-feira, quando já estava selada a troca de comando do Banco Central e a mudança na banda cambial, Malan foi à QL 12 do Lago Sul conversar com o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Pela manhã, fez questão de acordar o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP).

A preocupação central do ministro, que já esperava um vendaval nas bolsas de valores e queda nas reservas, era a votação de medidas provisórias (MPs) no plenário do Congresso, sob a batuta de Antônio Carlos. "O que vamos anunciar amanhã (ontem) não basta para sairmos do furacão. É importantíssimo aprovarmos as medidas provisórias. Espero que o senhor nos ajude", disse Malan ao senador.

Foi uma conversa franca. Malan citou como exemplo de sua preocupação a MP que altera a base de cálculo da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) das empresas, que provocou a ira dos representantes da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) no Congresso, inclusive de seu presidente, o senador Fernando Bezerra (PMDB-RN). Na tarde de terça-feira, Bezerra havia

chamado a imprensa e criticado abertamente a medida.

Malan saiu da residência oficial do Senado às 23h34, mais tranquilo depois de duas horas de conversa em que Antônio Carlos prometeu ajudá-lo, garantindo que "o Congresso não faltaria com a sua responsabilidade".

Como já era tarde e ainda faltava acertar os ponteiros com os credores e avisar o mercado externo, Malan voltou ao ministério, deixando a conversa com Temer para o dia seguinte. De seu gabinete, conversou com representantes do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Tesouro dos Estados Unidos.

AJUSTE

A conversa com os credores foi a senha para que Malan voltasse à carga junto aos congressistas, reiterando os apelos por urgência no ajuste fiscal. Na conversa com o presidente da Câmara, Malan informou que a variação no câmbio só funcionaria se associada à aprovação do ajuste fiscal — apontado como pré-condição para restabelecer a confiança no país e criar o clima favorável à redução dos juros, principal cobrança do meio político e empresarial.

Temer, que ontem recebeu telefonemas do presidente Fernando Henrique Cardoso no mesmo sentido, não se mostrou surpreso com a saída de Gustavo Franco do Banco Central: "Há algum tempo já se falava nessa possibilidade", admitiu.

"O fato de alguém dirigir uma instituição do porte do Banco Central sob a ameaça de que num dado momento sairia não é útil para o setor financeiro e econômico nacional. Definida a saída e indicado um titular para o cargo, não será penoso para o País."

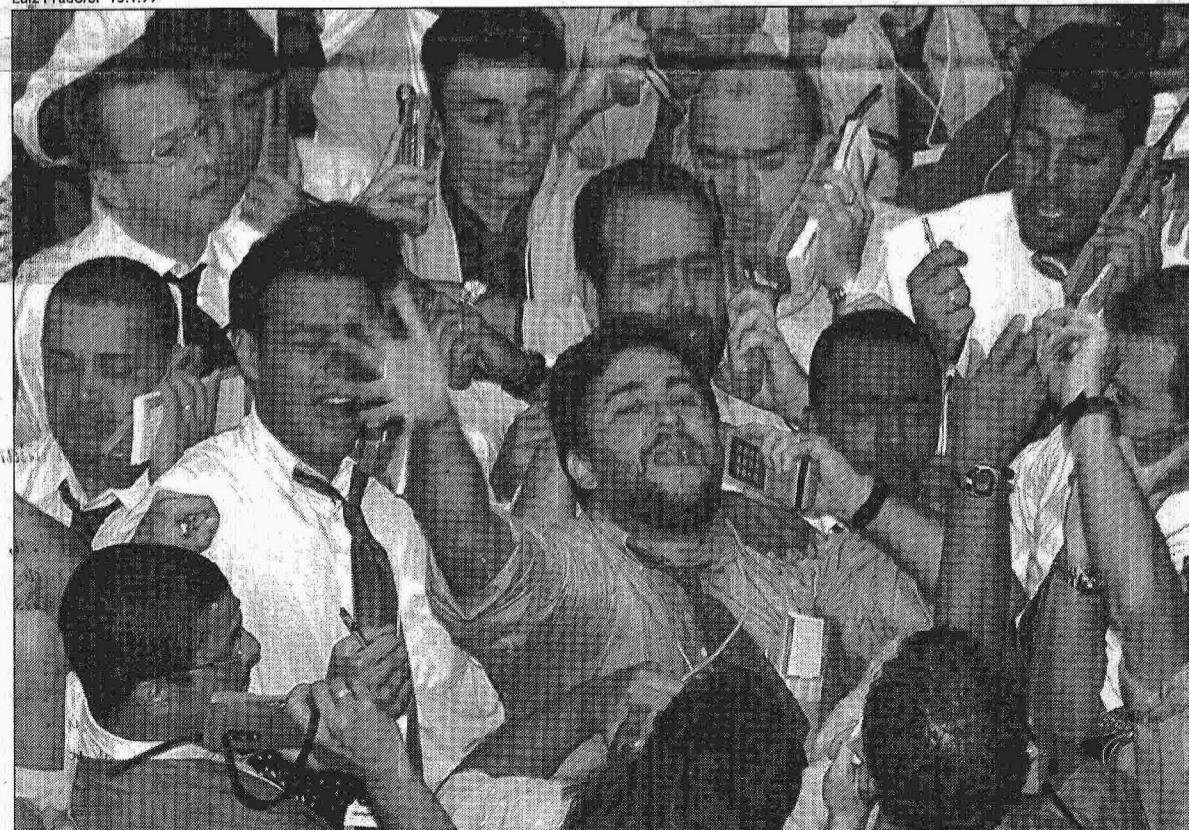
Temer considerou o resultado das bolsas reflexo da incerteza que pairava na terça-feira à noite, quando ainda não havia um pronunciamento oficial sobre a mudança no câmbio e nem os resultados das votações no Congresso. "Não podemos adotar a tese da catástrofe", afirmou.

"O risco pode ser debelado com a aprovação de medidas e com a política que o presidente Fernando Henrique Cardoso adotar. Afinal, ele foi reeleito no primeiro turno recentemente e tem todas as condições políticas para sair da crise", concluiu o presidente da Câmara.

As condições políticas a que Temer se referia foram tiradas a fórcps pelos ministros, pelo próprio Temer e Antônio Carlos Magalhães. A pedido de Malan, eles telefonaram para todos os líderes partidários pedindo apoio às MPs e à substituição no BC.

Se dependesse só da mudança no Banco Central, todos os políticos só teriam aplausos. Ninguém ali era muito amigo de Gustavo Franco — apontado em conversas reservadas como um menino talentoso, mas sem cabedal político para ficar num cargo como a presidência do BC.

Luiz Prado/SP 13.1.99



Dia de nervosismo na Bovespa, ontem: para Temer, resultado das bolsas foi reflexo da incerteza de terça-feira